

O ENSINO POR COMPETÊNCIAS APLICADO NA APRENDIZAGEM DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS

FABIO DA SILVA PEREIRA¹
JANIARA DE LIMA MEDEIROS²

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a metodologia da educação por competências no ensino do idioma português como segunda língua através de contextualizações em aula extraclasse. A pesquisa foi aplicada durante o Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) – com 8 (oito) meses de duração e no Estágio do Idioma Português e Ambientação (EIPA) – com 2 (meses) meses de duração, ambos oferecidos pelo Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) com o objetivo de preparar Militares das Nações Amigas (MNA) para realizarem outros cursos militares no Brasil. Com a proposta educacional de inserção na língua portuguesa, na cultura brasileira e ambientação na cultura das Forças Armadas do Brasil, a língua portuguesa é mediada de forma contextualizada. Nesse sentido, as habilidades linguísticas (compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita) são praticadas em ambientes históricos e turísticos oportunizando a interdisciplinaridade e ultrapassando as competências técnicas do ensino do idioma e da história militar. Os docentes atuam como mediadores das atividades através das quais buscam incentivar a autonomia, a reflexão, a proatividade e a criatividade. Como resultados, observamos a quebra de paradigmas presentes no ensino militar tradicional ao permitir uma mudança cultural por meio de uma visão ampla das disciplinas curriculares. A integração de conhecimentos possui alinhamento às ideias de Perrenoud (1999) ao apresentar-nos a construção das competências através do confronto regular e intenso com situações complexas e reais que permitam mobilizar distintos recursos cognitivos. Este trabalho tem, portanto, como objetivo principal, discutir as competências desenvolvidas através das

1. Fabio da Silva Pereira é Licenciado em História (UNIRIO); Mestre em Educação Militar pelo Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC - 2016) e Mestre em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE-FGV - 2016). Professor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e Doutorando em História (UNIVERSO). fabio.pereira.historia@gmail.com
2. Janiara de Lima Medeiros é Mestranda em Educação pela UFF, é Especialista em Psicopedagogia Institucional e em Gestão de Recursos Humanos, Pós-graduada em Gestão EaD e MBA em Marketing. 1º Tenente do Exército Brasileiro, Chefe da Seção de Português do CIdEx, é docente nos cursos de Português para militares estrangeiros e em outras disciplinas dos cursos do CEP/FDC. jani.medeiros.educacao@gmail.com

aulas fora do ambiente tradicional (aulas - passeio) e justifica-se pela necessidade de inclusão dos militares estrangeiros em missão no Brasil à ambientação cultural, em todos os aspectos, ao universo brasileiro. A relevância desse trabalho se dá na oportunidade da sua aplicabilidade imediata nos espaços existentes em que a linguagem em movimento integra outras culturas, áreas de conhecimentos e subjetividades.

Palavras-chave: Aulas-passeio. Português para militares estrangeiros. Ensino por competências. Habilidades linguísticas. Exército Brasileiro.

ABSTRACT

This work was analyzed in a discipline of contextualization in an extra class. The period was extended during the Portuguese Course for Foreign Military (CPME) - with 8 months long and Portuguese Language and Environment Internship (EIPA) - with 2 months long, both provided by the Brazilian Army Language Center (CIdEx) with the objective of preparing the Military of Friendly Nations (MNA) to recover foreign military personnel in Brazil. With an educational proposal of presentation in the Portuguese language, in the culture of the Armed Forces of Brazil, a Portuguese language is mediated in a contextualized way. In this sense, the linguistic skills (listening, speaking, reading and writing) are executed in different contexts and the interdisciplinary and extension are given as responsible for teaching the language and military history. Teachers act as mediators of activities through communities seeking autonomy, reflection, proactivity and creativity. As presented, if one has a paradigm of teaching in traditional high school can be read. The integration of knowledge makes sense to the ideas of Perrenoud (1999) when presenting us a construction of skills through regular and intense confrontation with complex and real situations that allow the mobilization of different cognitive resources. Therefore, the main objective of this work is to discuss the skills developed through classes outside the traditional environment (tour - classes) and justified by the need to include foreign military personnel in mission in Brazil to the cultural environment, in all aspects, to the Brazilian universe. The relevance of this work occurs in the opportunity of its immediate applicability in the existing spaces where the language in movement integrates other cultures, areas of knowledge and subjectivities.

Key-words: Tour - classes. Portuguese course for foreign militaires. Teaching by competences. Language Skills. Brazilian Army.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordou um projeto interdisciplinar entre a história e o ensino do idioma português para militares estrangeiros que fazem cursos no Brasil. O ensino de idiomas é praticado no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). O CIdEx é uma Organização Militar (OM) pertencente ao Ministério da Defesa do Brasil, comprometido com a gestão do Sistema de Ensino de Idiomas e a Certificação de Proficiência Linguística do Exército Brasileiro (SEICPLEx).

Além disso, o CIdEx tem como responsabilidade a criação e a manutenção de uma visão sistêmica no ensino de idiomas (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, português e russo), a fim de propiciar a associação de habilidades e competências linguísticas, favorecendo a aprendizagem continuada, seja na modalidade de ensino presencial ou a distância. A Língua Portuguesa é um idioma necessário aos militares de outras Nações Amigas designados ao cumprimento de diversas atividades profissionais no Brasil. Por essa razão, a língua portuguesa é ensinada como segunda língua ou como um novo idioma.

As estratégias educacionais buscam a imersão completa no estudo do idioma português, ou seja, através da metodologia de ensino do idioma como língua estrangeira. A localização privilegiada do Centro cujos pontos turísticos e históricos culturais são próximos geograficamente é um ponto facilitador às atividades. Além disso, o suporte oferecido pelo Exército Brasileiro (EB) para a operacionalização do ensino de forma contextualizada. Em alguns países, como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos existem escolas semelhantes, que possuem a meta de divulgar o idioma e a cultura local. A internalização dos conhecimentos adquiridos ocorre sob a perspectiva sociointeracionista³, em que as atividades socioculturais contribuem para o aperfeiçoamento e fluência do idioma português. O foco é a aprendizagem do idioma como língua estrangeira considerando que o público-alvo é o de falantes fluentes em seus respectivos idiomas nativos. Além de estrangeiros, os alunos são militares das Forças Armadas de diversos países⁴, culturas, idades, gêneros e perfis.

3. A perspectiva sociointeracionista é centrada nos estudos de Lev Semyonovich Vygotsky, os quais leva em conta o processo de aprendizagem e assimilação que ocorre de fora pra dentro. Ou seja, a criança ao nascer começa a perceber tudo em sua volta e com o passar do tempo ela busca internalizar tudo o que vê, ouve ou sente. Nesse processo de internalização a criança, por meio da imitação, começa a reproduzir mentalmente e em seguida através de ações tudo que seus sentidos lhes permitem entrar em contato, criando assim uma relação com os elementos constituidores do meio em que está inserida. Um dos exemplos dessa internalização é a seleção de sons que seu cérebro fará para dar origem a linguagem verbal, meio pelo qual toda a assimilação da cultura humana ocorre. Essa assimilação se dá inicialmente por meio de imagens através do sentido da visão, e do som capitado pelo sentido da audição e gradativamente se transforma em resposta ao estímulo externo criando assim uma interação (SILVA; LIMA; SILVA, 2013, p.2);

Para o êxito na construção da metodologia e da sua aplicação, é de fundamental importância conhecer o sistema orgânico educacional do Exército Brasileiro e como se articulam seus agentes que aqui identificamos desde a estrutura macro até o objetivo final da formação discente. Neste sentido, segue uma representação da estrutura educacional do Exército Brasileiro:

NIVEL:	QUEM	O QUE
5°	DECEx	Elabora as políticas educacionais, planeja, organiza, dirige e controla as atividades educacionais.
4°	DETMil	Coordena, controla e supervisiona a execução e a avaliação do processo ensino-aprendizagem.
3°	CIdEx	Operacionaliza as Leis, elabora regulamentos, diretrizes, projeto pedagógico.
2°	Docentes (Professores e instrutores)	Realiza as práticas pedagógicas e planos de ensino.
1°	Discentes (brasileiros e estrangeiros)	Materializa o resultado das práticas pedagógicas.

Quadro 1 - Estrutura organizacional da Educação Militar.

Fonte: Adaptado de DECEx (2018)

O Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) é o responsável pelas políticas educacionais da Força Terrestre e tem como missão:

Planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades relativas à educação, à cultura, à educação física, aos desportos e à pesquisa científica nas áreas de defesa, ciências militares, doutrina e pessoal, excluídas as atividades de ensino voltadas para a Instrução Militar e para a Ciência, Tecnologia e Inovação (BRASIL, 2018).

- 25 (vinte e cinco) países cursaram o Idioma Português na Organização Militar (Leme, RJ) de 2013 a julho de 2018: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Camarões, Canadá, Chile, China, Coreia do Sul, Equador, EUA, França, Guatemala, Honduras, Mauritània, México, Namíbia, Nicarágua, Paquistão, Peru, Rússia, Senegal, Suécia, Suriname, Venezuela e Vietnã.


O DECEEx possui um órgão intermediário: a Diretoria de Ensino Técnico Militar (DETMil). Essa Diretoria possui 09 (nove) Estabelecimentos de Ensino subordinados, 22 (vinte e dois) com vinculação técnico-pedagógica, 12 (doze) Organizações Militares de Corpo de Tropa (subordinadas a ESA). A DETMil tem por missão:

exercer ação de comando, coordenar, controlar e supervisionar a execução e a avaliação do processo ensino-aprendizagem nos estabelecimentos de ensino (Estb Ens) subordinados, voltados para especialização, extensão, formação e aperfeiçoamento, bem como estabelecer a ligação técnica com as organizações militares (OM) com encargos de ensino que lhe forem determinadas para essas atividades. (BRASIL, 2018a).

Entre os estabelecimentos de ensino subordinados encontra-se o Centro de Idiomas do Exército (CIdEx) respondendo hierarquicamente e procedendo com os direcionamentos, orientações, avaliações, atividades de ensino e pesquisa, de formação e o aperfeiçoamento e especialização do militares no Brasil. O CIdEx prioriza o ensino de idiomas por habilidades e competências e tem como missão “manter-se como um centro de referência em ensino de idiomas, responsável por acompanhar e difundir a sua importância, no âmbito do Exército Brasileiro, oferecendo formação continuada aos militares brasileiros e estrangeiros” (BRASIL, 2018b).

No primeiro nível pudemos identificar, desde o DECEEx (órgão de direção setorial do Comando do Exército), passando pela DETMil (órgão de apoio setorial do DECEEx) até o CIdEx (operacionalização do ensino) a primazia pelo ensino através das habilidades e das competências dos militares.

No 2º nível, responsável por pensar e operacionalizar as diretrizes a que foram designadas, o CIdEx, tem em seus pilares (1º ensino e 2º certificação) o objetivo na formação continuada e, conseqüentemente, no apoio ao desenvolvimento da carreira dos militares brasileiros e estrangeiros. Por meio desse objetivo macro, o Centro coordena, supervisiona, orienta e normatiza suas seções de ensino dos idiomas Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Português e Russo.



Colóquio Internacional de Educação.

O ENSINO DO IDIOMA PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS COMO SEGUNDA LÍNGUA ATRAVÉS DE ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS CULTURAIS

Janiara de Lima Medeiros
UFF-Universidade Federal Fluminense

Os diferentes padrões estéticos e de comunicação refletem nas diversas culturas, justificando a utilização de elementos linguísticos brasileiros no ensino do idioma português para militares estrangeiros do Exército, Marinha e Aeronáutica.

Questão suscitada através de observações e da prática pedagógica no Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) e no Estágio de Idioma Português e Ambientação (EIPA) que têm como objetivo:

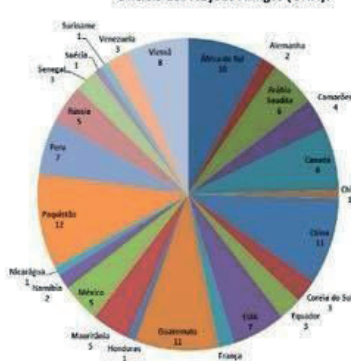
Promover o ensino da Língua Portuguesa para militares estrangeiros, designados para o desempenho funções no Brasil, aplicando as habilidades de compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e expressão escrita, com base na gramática da Língua Portuguesa, bem como propiciar uma ambientação à cultura brasileira e ao contexto militar das Forças Armadas do Brasil.

Considerações:

- ✓ O ensino discutido tem como finalidade a comunicação e a interação social cotidiana.
- ✓ É fundamental adquirir conhecimentos linguísticos e pragmáticos do idioma que se pretende dominar.
- ✓ As habilidades linguísticas devem fazer sentido ao aluno.

De 2013 a 2018 (1º turno) 122 militares de 25 países cursaram português no Forte Duque de Caxias (Leme, RJ)

Oficiais das Nações Amigas (ONA):



País	Quantidade
Africa do Sul	10
Almanha	2
Angola	4
Canadá	8
Chile	1
China	11
Coreia do Sul	3
Equador	9
Estados Unidos	7
Guiné-Bissau	11
Honduras	1
Índia	5
Japão	12
México	5
Moldova	4
Moçambique	5
Paraguai	3
Peru	7
Rússia	5
Sérvia	1
São Tomé e Príncipe	1
Vietnã	3
Brasil	8

CONCLUSÃO

O ensino da língua portuguesa brasileira para militares estrangeiros possui reciprocidade com as compreensões culturais brasileiras no que se distinguem à vida civil e ao universo militar do Brasil.

A utilização das expressões idiomáticas como uma das estratégias de ensino deve sobrepor as barreiras do tradicionalismo educacional e militar.

Esta inovação admite a experimentação no processo de mudança do modelo tradicional de ensino, corroborando com a necessidade de adaptação às transformações sociais que incluem as militares.
































Figura 1 - Pôster apresentado no V Colóquio Internacional Educação UFPB. Fonte: Medeiros (2018).

A figura acima representa o histórico através de quantidade de militares e seus respectivos países que cursaram português como língua estrangeira nos últimos 5 (cinco) anos no Centro.

Inevitavelmente é no nível operacional em que as diretrizes são interpretadas e articuladas em prol dos objetivos predefinidos. Nesse sentido foi que, no 3º nível, os docentes no ensino de português para militares estrangeiros adotaram a ferramenta 5W2H para o desenvolvimento do Plano de Ação. Dessa maneira, ao clarificar o objetivo, o motivo, os responsáveis, a quantidade, as atividades, o cronograma e o local, são possíveis planejar rumos diferentes para atingir ao mesmo propósito atendendo ao prazo definido.

Nessa visão, em 4º nível, compreendem os alunos enquanto portadores de necessidades profissionais diferentes. Compostos por incentivos racionais e emocionais acumulados ao longo da vida, os discentes possuem interesses, características e talentos únicos. Além das especificidades físicas, comportamentais e culturais, há uma das mais desafiadoras no processo de aprendizagem: o aprendizado de uma nova língua para militares já alfabetizados e falantes ativos em seus respectivos idiomas.

A sistemática de ensino vigente está sob o paradigma do ensino por competências, através do qual os conhecimentos, as habilidades e as atitudes são unidas aos valores e as experiências dos integrantes de cada país que realiza os cursos no CIdEx.

Segundo Dutra (2004), as competências encontram na sua teoria duas grandes correntes, onde a primeira é liderada por pesquisadores dos Estados Unidos da América (EUA). Esses avaliam a competência como se fosse um estoque de qualificações (conhecimentos, habilidades e atitudes - CHA) que permite ao indivíduo exercer a sua atividade profissional. A segunda corrente, de origem francesa, é mais ligada às realizações profissionais auferidas pelo indivíduo de acordo com o contexto. Nesse caso, a produção em si é o indicador profissional do sujeito ao invés dos fragmentos extraídos do CHA norte-americano. Carbone (2006) afirma que a competência é expressa em função do desempenho da pessoa no trabalho. Esse conceito é abrangente no tocante ao seu comportamento e às suas realizações. Ao apresentar os 10 (dez) elementos essenciais para uma formação profissional, Philippe Perrenoud, destacam-se os enumerados a seguir:

Que esta se torne um instrumento de trabalho que suscite um constante debate sobre a sua área; 2. Que se pautem em competências, e compreenda os saberes profissionais como suporte para o seu desenvolvimento; 7. Que o desenvolvimento dessas competências não se restringem a formação inicial, e acompanham a carreira profissional, seja na prática ou na formação continuada; e 9. Que haja uma dimensão reflexiva na própria

5. Trata-se de um checklist de atividades que devem ser desenvolvidas com clareza e eficiência por todos os envolvidos. Essa sigla - 5W2H - corresponde às iniciais (em inglês) das sete diretrizes que, quando bem estabelecidas, auxiliam no esclarecimento de dúvidas que quase sempre aparecem ao longo de um processo ou de uma atividade (CAMARGO JR, 2017, p. 92).

concepção das competências a serem desenvolvidas, e 10. Que haja uma constante participação crítica e interrogação ética sobre as práticas (PERRENOUD, 1999, p. 6-8).

Segundo o autor, o docente que trabalha dentro desta abordagem por competências, precisa ter um maior domínio técnico e prático não só do seu conteúdo, como também das disciplinas afins. O fato justifica-se, segundo o autor, que o docente deve preocupa-se com sua formação profissional associada às necessidades reais de aprendizagens. Além disso, é o docente - enquanto mediador da aprendizagem - quem deve utilizar oportunidades para relacionar assuntos diversos entre as áreas do conhecimento, sem deixar que objetivo principal seja perdido. Conforme Perrenoud (1999, p. 57), "o docente colocar-se-á no lugar do aprendente, com o objetivo de prever os obstáculos presentes nas situações-problema, analisando constantemente as tarefas e os processos mentais dos educandos". O autor vai além à sua reflexão:

No campo dos aprendizados gerais, um estudante será levado a construir competências de alto nível somente confrontando - se, regular e intensamente, com problemas numerosos, complexos e realistas, que mobilizem diversos tipos de recursos cognitivos", os quais primeiramente são trabalhados de forma separada e depois em uma conduta global (PERRENOUD, 1999, p. 57).

Ao utilizar as situações-problema nas aulas, o professor consegue adaptar diversos materiais e de dentro ou de fora do contexto escolar e fazer com que os alunos atuem de forma colaborativa e em equipe.

As características locais contam para a internalização mais efetiva das competências observadas em um ambiente de trabalho. A dimensão territorial do país, as diferenças culturais e socioeconômicas, o ambiente urbano e rural, entre outras características são alvos de atenção para o gestor. A contextualização aponta a necessidade atual das teorias e práticas na gestão sob o viés estratégico:

Portanto nota-se um atraso de quase uma década entre o discurso da literatura e a prática no Brasil; entretanto a década de 1990 é marcada por profundas transformações no cenário econômico, afetando diretamente o padrão de competitividade das corporações brasileiras. O foco anterior das preocupações era muito mais como gerir a área financeira, dada a necessidade de convivência com as altas taxas de inflação e os inúmeros planos e choques econômicos, produzindo empresas inchadas (grifo dos autores), com pouco controle sobre custos, desperdícios e até mesmo sobre a eficiência da produção (LACOMBE; TONELLI, 2001, p. 163).

Neste sentido, percebe-se a necessidade no aprofundamento do ensino por competências de uma forma mais contextualizada na literatura acadêmica, onde a dualidade das estratégias de controle e de comprometimento é parte do tema do estudo. Bosquetti et al (2009) afirma que na estratégia de controle, os empregados são vistos como números, custos e fator de produção que, para desempenhar bem as funções. Leite e Albuquerque (2010, p.40) deixou claro que, na estratégia de controle há pouca definição de políticas em relação à voz do funcionário, uma vez que o pressuposto desse modelo é de baixo comprometimento do funcionário.

Na estratégia de comprometimento, Bosquetti *et al* (2009) afirma que “as pessoas são consideradas parceiras no trabalho, nas quais a instituição deve investir para conseguir melhores resultados”. Leite e Albuquerque (2010, p. 40) reiteraram ainda que, na estratégia de comprometimento, deveriam ser esperadas mudanças nas responsabilidades individuais, desde que as condições mudassem e, as equipes, não os indivíduos, fossem as unidades organizacionais responsáveis pelo desempenho.

No que diz respeito à metodologia, o presente trabalho está baseado nas contribuições de Mazaro (2016) e de Sampieri; Collado; Lucio, (2006), de acordo com as seguintes classificações: quanto ao tipo de pesquisa (ou objetivo), trata-se de uma pesquisa descritiva, e, no que diz respeito aos procedimentos, constitui-se em uma revisão da literatura acadêmica fundamentada na pesquisa bibliográfica.

Compreendendo que a superação dos desafios impostos não só pela carreira. Mas, como na vida em geral, são melhores superados quando se há conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências (CHAVE)⁶ é que chega-se a adoção da utilização do Ensino por Competências como metodologia primordial.

Uma análise dos cenários prospectivos para a atuação das Forças Armadas do Brasil, na linha temporal de 2030, pressupõe a implementação de mudanças que exigem o desenvolvimento de capacitações e talentos de nossos recursos humanos, a fim de atender às demandas e antever os desafios de um novo tempo. A exigência de outras CHAVE, além de um grande comprometimento com os valores do Exército Brasileiro, trará implicações diretas na formação do oficial de carreira. O próprio DECEX, no seu IV Encontro anual, reconheceu a necessidade de uma nova gestão dos talentos, com o objetivo de ampliar a efetividade nos processos de conhecimento e o desenvolvimento das potencialidades dos seus integrantes (BRASIL, 2011, p.2)

5. O grande desafio da era do conhecimento se traduz pela capacidade que as organizações têm de identificar os conhecimentos explícitos e implícitos de cada um de seus integrantes para competir em uma realidade cada vez mais desafiadora. Os conhecimentos explícitos ou quantificáveis seriam aqueles relativos à formação acadêmica, ao domínio de idiomas e à experiência profissional, enquanto que os conhecimentos implícitos encontram a relação com as atitudes dos valores dos componentes da organização (BRASIL, 2011, p.2).

Observa-se que não basta somente receber esses militares e ministrar um curso com características metodológicas destinadas ao ensino do português como língua materna, mas acolher essa diversidade cultural com a subjetividade já formada. Dessa maneira, é fato que as formas e o tempo de aprendizado serão diferentes e, portanto, associando essa realidade à oportunidade de interdisciplinaridade possibilitada no ensino por competências é que reforça-se a proposta de aulas fora do ambiente tradicional de ensino. Não se tratam de aulas extra ou extra classe (do latim significa além do esperado) porque propõe-se atingir, no mínimo, o esperado pelo aluno despertando outras leituras, outros significados e outras competências. A proposta, na realidade, é a de aulas para além da estrutura da classe tradicional (fileiras, mobilidade, professor centralizado, cercados por paredes, determinação engessada de tempo para cumprimento de tarefas ou horas de intervalo). De forma contextualizada, o ensino do idioma, da cultura local e ambientação à cultura local militar a partir da realidade dos alunos, de maneira integrada a fim de incluí-los ao nosso universo trabalhando simultaneamente as quatro habilidades linguísticas: aulas sobre rodas!

1 ENSINO POR COMPETÊNCIAS (UM BREVE HISTÓRICO) E A INCLUSÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Para que os objetivos estabelecidos pelo panorama traçado pelo Estado-Maior do Exército (EME) fossem atingidos, foram buscadas as modernas tendências de currículos por competências, em que se privilegia o "saber", o "saber fazer" e o "saber ser". Os termos conceituais "saber fazer" e "ser" apontam, de acordo com as competências de Perrenoud (1999), para as habilidades e para as atitudes, respectivamente. A importância desses tópicos reside no fato de que não basta apenas saber, mas espera-se do militar a demonstração de que ele realmente sabe e se ele está alinhado com os valores da organização, tais como a responsabilidade e o pertencimento ao grupo que representa, no caso, o Exército Brasileiro (PEREIRA; OWERNEY, 2017).

O Ensino por competências enfatiza os métodos de resolução de problema (complexos, contextualizados na realidade social e profissional a que os militares em geral podem ser submetidos constantemente). A noção de competência está evidente pela ação eficiente realizada em uma família de situações que ocorre através da mobilização de um conjunto de recursos - cognitivos, afetivos, materiais. Nesse escopo, a nova sistemática contribui para que o professor atue de forma integrada com os planejamentos focados nos valores institucionais, visando agregar o valor intangível aos processos educacionais, voltado à educação ligada às

práticas interdisciplinares.

Dessa forma, a fim de orientar os perfis profissiográficos⁷ e os currículos dos cursos, foram definidas as competências para esse novo cenário prospectivo.

Inspirada na Arte da Guerra de Sun-Tzu, a Guerra Assimétrica consiste em dar tacitamente a um dos lados beligerantes o direito absoluto de usar de todos os meios de ação, por mais vis e criminosos, explorando ao mesmo tempo como ardil estratégico os compromissos morais e legais que amarram as mãos do adversário (CARVALHO, 2004).

Dessa forma, as competências definidas buscam, como por exemplo, compreender os múltiplos cenários da guerra assimétrica, atuar em operações de ambiente incerto, dominar as tecnologias inerentes à guerra cibernética, atuar em rede, operar equipamentos e sistema de armas com alto grau de tecnologia, trabalhar de forma integrada com outras organizações, atuar em operações conjuntas, interpretar os diversos contextos mundiais, ser proativo em situações de conflito, manter os valores da Instituição, atuar em operações de guerra e não-guerra⁸, ser dotado de liderança militar acurada, ter visão estratégia, operacional e tática no seu nível de decisão e estar habituado e capacitado em pesquisas doutrinárias (BRASIL, 2011, p. 3).

Essa nova metodologia chegou ao EB pela necessidade de nortear os resultados obtidos pela sistemática do ensino por objetivos. Segundo uma das responsáveis pela implantação do atual projeto, o ensino por objetivos, vigente no EB desde meados dos anos 1990, baseia-se em um modelo explicativo da aprendizagem de cunho predominantemente comportamental, onde considera que a aprendizagem ocorre de dados externos ao sujeito (MAGALHÃES, 2011).

O ensino por competências, ao contrário do ensino por objetivos, se baseia em um modelo de ensino-aprendizagem que considera que a aprendizagem é um processo holístico, que integra os dados da realidade numa totalidade organizada, a partir dos conhecimentos prévios e processos mentais específicos do sujeito. Nesta perspectiva, a aprendizagem ocorre sempre a partir de uma atividade de reestruturação interna do sujeito que aprende que pode ser potencializado se gerar um desequilíbrio, ou seja, uma dissonância entre o que o indivíduo sabe e a realidade (MAGALHÃES, 2011, p. 4).

7. O Perfil profissiográfico é o documento que determina as habilitações profissionais a serem obtidas pelos concluintes dos cursos (BRASIL, 2014, p.7).

8. As operações de Não-Guerra compreendem as situações intermediárias de conflitos armados dentro do território nacional, como por exemplo, as operações de Pacificação e as operações de Apoio aos Órgãos Governamentais. Diante das

Nesse sentido, em 2008, o então Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP) sentiu a necessidade de obter um diagnóstico do seu sistema de ensino e realizou o I Encontro Itaipava. No ano seguinte, o II Encontro Itaipava foi idealizado com o intuito de dar continuidade ao processo de modernização do ensino militar e a reestruturação interna do próprio departamento, passando a se chamar Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx). Em 2010, o III Encontro tratou do futuro do Sistema de Doutrina Militar Terrestre e do alinhamento do Plano de Gestão do DECEx com a Estratégia Nacional de Defesa.

Naquele encontro estiveram em debate os projetos de reestruturação do Sistema de Educação e Cultura do Exército, com vistas à formação dos futuros líderes das décadas de 2020 e 2030. Como resultado, foi determinado que se fizesse um balanço sobre as perspectivas do ensino por objetivos, projeto educacional sob o portfólio da Modernização do Ensino implantada na década de 1990.

Diante dos novos desafios do mundo globalizado⁹ e baseado no diagnóstico oferecido pelo DECEx em 2009 (BRASIL, 2009)¹⁰, o Exército Brasileiro implantou o processo do ensino por competências desde 2010, com a efetivação da nova proposta a partir de 2012, iniciando-se pela Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). Essas transformações significativas estão em curso, com a determinação de mudança da construção curricular do modelo por objetivos para o modelo por competências e a consequente estruturação de perfis profissiográficos e mapas funcionais, tanto para o Ensino Médio quanto para o Ensino Superior, em seus estabelecimentos de ensino. No ano de 2011, entre os principais assuntos afetas à área educacional, o IV Encontro de Itaipava foi um evento marcado por palestras e debates sobre a situação dos projetos do DECEx; a nova sistemática de formação dos oficiais da Linha de Ensino Militar Bélico (LEMB); currículos do novo sistema de Ensino por competências; **a nova sistemática de ensino de idiomas** (grifo nosso); implantação do ensino de defesa cibernética no Sistema de Ensino; Projeto Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras; normas

frequentes ordens para colocar a tropa na rua, os militares trataram de planejar o adestramento dos efetivos para emprego em "situação de normalidade" [...] Mesmo em ocasiões em que se faz necessária a intervenção federal, o Estado de Defesa ou o Estado de Sítio, a situação é de normalidade, ainda que de excepcionalidade (ARRUDA, 2007, p. 105).

9. A denominada inclusão digital tem sido considerada responsável pelo empowerment nas dimensões pessoal e coletiva, tanto no que diz respeito aos processos cognitivos, como àqueles relacionados ao desenvolvimento social e econômico (DURAN, 2008, p.11). Em consequência do advento dos novos recursos informacionais, coloca-se um novo desafio à formação do trabalhador dotado de um perfil mais flexível, multifuncional, polivalente. Como resultado, o trabalhador da era industrial ingressa na era do conhecimento através das novas tecnologias.
10. Com o resultado do relatório do DECEx intitulado "Diagnóstico e perspectivas para o ano 2009" (BRASIL, 2009), percebeu-se que o processo da modernização da Força Terrestre era incipiente e que a atual conjuntura demandaria um processo bem mais amplo de mudança: a transformação (PEREIRA, 2016, p. 19).

para contratação de fundações de apoio; V Jogos Mundiais Militares; implantação da disciplina Ética Profissional Militar nos cursos regulares; banco de talentos; sistema de simulação para o Ensino do DECEX; gerenciamento de crise; sistema de gerenciamento de documentos; criação do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEEx).

Buscando atender aos anseios da Força Terrestre por uma melhor qualificação para o desempenho em missões diversificadas no exterior e satisfazer a crescente demanda de militares no contexto internacional de força de paz, o Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) iniciou, também no ano de 2008, uma pesquisa junto a instituições nacionais e internacionais, civis e militares, visando a implantação de uma nova sistemática para o ensino de idiomas no Exército Brasileiro. Assim, surgiu, em 2010, o Projeto Proficiência Linguística, uma mudança de paradigmas para o ensino de idiomas. Com a nova proposta, o conceito de proficiência linguística, em uma das quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), passou a nortear os subsistemas de ensino de idiomas existentes. Cabe ressaltar que a opção pelo conceito de Proficiência Linguística está baseada em consagrados padrões internacionais de avaliação e ensino de idiomas. Desta forma, os princípios acima relatados foram consolidados pelo Estado-Maior do Exército na Diretriz para o Sistema de Ensino de Idiomas.

Sete anos mais tarde, o CIdEx foi criado com a finalidade de proporcionar de forma autônoma o ensino de idiomas buscando a sinergia teórico-prática com as situações em que o militar (nacional e estrangeiro) irá se deparar na vida real. Isso não significa que a sistemática anterior não buscava o mesmo objetivo, mas o ensino por competências possui a sua premissa de amplo diálogo entre as disciplinas para a resolução de problemas em ambiente complexo. Logo, o planejamento das disciplinas passou a contar com um plano integrador de disciplinas (PLANID), onde busca a fusão das disciplinas tradicionais para resolver uma situação específica, por meio dos planejamentos das avaliações escolares e das atividades formativas durante o ano letivo. As disciplinas que envolvem o largo uso dos idiomas estrangeiros e do idioma português para os Militares das Nações Amigas (MNA) tais como a história, a geografia, a troca de experiências e a percepção dos valores que norteiam o processo cognitivo entre docentes e discentes revestem-se de grande importância no contexto apresentado.

Em consequência, os docentes que atuam como mediadores das atividades agem como incentivadores da autonomia, reflexão, proatividade e criatividade. Como resultados, observamos a quebra de paradigmas presentes no ensino militar tradicional ao permitir uma mudança cultural a partir desta visão ampla das disciplinas curriculares. A integração de conhecimentos possui alinhamento às ideias de Perrenoud (1999) ao apresentar-nos a

construção das competências através do confronto regular e intenso com situações complexas e reais que permitam mobilizar distintos recursos cognitivos.

2 ENSINO POR COMPETÊNCIAS: INTERDISCIPLINARIDADE NAS AULAS SOBRE RODAS

As atividades desempenhadas pela Seção de Português do CIdEx buscam o diálogo entre o uso dos idiomas em sinergia com outras disciplinas. Desse modo, o professor pode enriquecer a aula de idiomas quando viabiliza um trabalho investigativo, organizando o espaço para que os alunos possam observar, fazer, falar, ouvir e discutir opiniões, contribuindo para a construção do conhecimento (LIMA; MAUÉS, 2006).

Com o intuito de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre os processos de construção dos saberes escolares pelos discentes, utilizamos a teoria histórico-cultural do desenvolvimento como principal aporte teórico para nossas reflexões, possibilitando a relação entre teoria e prática no ensino de Ciências. A teoria de Vygotsky é identificada como uma construção sócio-histórica e cultural, pois explica a aquisição do conhecimento e a importância da relação docente-discente durante o processo de ensino.

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança que conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1994, p. 115).

Porém, o uso do recurso das aulas-passeio também tem os seus desafios para atingir os propósitos do PLANID. No processo de aprendizagem, as atividades experimentais devem ser garantidas de maneira a evitar que a relação teoria-prática não seja transformada numa dicotomia, sem estabelecer um nexos causal entre o que foi conversado em sala de aula e o possível uso na atividade externa. As experiências geralmente despertam um grande interesse nos estudantes, além de propiciar uma situação de investigação (DELIZOICOV; ANGOTTI, 1992, p. 22).

O ensino através do uso das aulas passeio não é uma novidade. Fazendo uma rápida busca na internet e no Portal de Periódicos da CAPES com a palavra-chave “aula-passeio”, verificamos a ocorrência de 41.400¹¹ resultados e 131 resultados, respectivamente. No entanto,

quando inserimos a palavra-chave “ensino militar” e “educação militar” junto ao termo “aula-passeio”, não encontramos periódicos especializados na temática. Nesse sentido, as iniciativas capitaneadas pelo CIdEx revestem-se de importância estratégica para aquele estabelecimento de ensino (Estb Ens).

O Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) - com 8 (oito) meses de duração e no Estágio do Idioma Português e Ambientação (EIPA) - com 2 (dois) meses de duração, ambos oferecidos pelo CIdEx, são alvos da pesquisa, que visa preparar militares estrangeiros que realizam cursos militares no Brasil. Com a proposta educacional de inserção na língua portuguesa e na cultura brasileira, a língua portuguesa é mediada de forma contextualizada, dentro da nova sistemática do ensino por idiomas (BRASIL, 2011). Segundo Janiara Medeiros, “diante desta necessidade real, tornam-se tão importantes à apresentação da linguagem verbal formal quanto a informal utilizadas dentro e fora da caserna, abrangendo o contexto cultural regional e militar” (MEDEIROS, 2018, p. 107). Louis Porcher afirma que “a comunicação em língua estrangeira não se prende só à aprendizagem da língua”. “Mais que isso, não existe nenhuma objetividade se o ensino não se associa às competências culturais e interculturais” (PORCHER, 1996, p.4). Célia Gusmão, militar do Exército Brasileiro, docente e mestre em Estudos da Linguagem, em seu livro *O Linguajar verde-oliva*, descreve o início da crescente demanda de estrangeiros militares no Brasil:

No contexto militar brasileiro, a presença de militares estrangeiros é uma constante. O Brasil recebe oficiais e alunos oriundos de diferentes países, tais como cadetes da Academia Militar de West Point (no IME e na AMAN), oficiais dos Estados Unidos, da Argentina, do Chile, do Equador, do Paraguai, do Peru, da República Dominicana, do Uruguai, da Espanha (alunos ou instrutores da ECEME), dentre outros, que passam um período de até dois anos no Brasil, a fim de conhecer melhor o idioma falado e a cultura do país (GUSMÃO, 2016, p.15).

O planejamento interno conta com a colaboração de professores qualificados, formados e que lecionam história em instituições civis, como, por exemplo, nas universidades federais brasileiras. Na execução, a metodologia do ensino de história consiste em duas etapas.

11. Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>).

12. Instituto Militar de Engenharia.

13. Academia Militar das Agulhas Negras.

14. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

A primeira envolve a aula teórica sobre os aspectos da história militar e seus impactos na história do Brasil. Para atingir esse objetivo, aulas¹⁵ são ministradas no idioma Português e os estrangeiros preenchem, ao final de cada dia de aula, as palavras e aspectos culturais que aprenderam naquele dia. As atividades realizadas pelos alunos, por escrito, são devolvidas na aula seguinte aos professores de Português para a análise de como cada militar-aluno está acompanhando a disciplina.

Dessa forma é possível estabelecer a mediação pedagógica adequada para cada nível de fluência dos militares estrangeiros e adotar a metodologia adequada conforme o nível de desenvolvimento individual e total da turma. Cabe ressaltar que esses cursos são ministrados para todos os níveis hierárquicos das Forças Armadas. Logo, há desde praças à oficiais superiores do Exército, da Marinha e da Aeronáutica dos países chamados pelo Ministério da Defesa (MD) por Nação Amiga.

O interessante é que, tanto a idade como as experiências culturais dos militares são levadas em conta. Dessa forma, seus costumes, vestimentas, manifestações religiosas, gastronomia, esporte, música, dança, literatura, economia, forças armadas entre outros assuntos referentes à cultura enriquece o conteúdo interdisciplinar, conforme a figura a seguir:



15. Os assuntos tratados nas aulas podem ser diversos. Com base na experiência apresentada neste artigo, os assuntos foram os seguintes: Formação do Exército Brasileiro: Batalha dos Guararapes; Formação do Exército Brasileiro: participação de Caxias na pacificação das lutas internas no período imperial; Formação do Exército Brasileiro: a participação na Primeira Guerra Mundial; e Formação do Exército Brasileiro: a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (BRASIL, 2018c).



Figura3 - CPME / EIPA em sala de aula.
Fonte Os autores

Após o ciclo de aulas teóricas, os alunos passam à prática por meio de uma aula-passeio no Centro do Rio de Janeiro. Essa aula especial é totalmente guiada em português e faz uma ligação vital com os assuntos tratados nas aulas teóricas em sala. O itinerário contempla a passagem por museus, por igrejas e por ruas e avenidas importantes da capital fluminense. Nesses lugares são abordadas as histórias da população local em seu regime de historicidade. Por exemplo, como era a população do Rio de Janeiro na época do Brasil Colônia, no Brasil Império e suas transformações na República. De acordo com Flávia Nogueira:

A História, assim como a Geografia, leva os alunos à reflexão, refletir muito sobre seu espaço, entender de que forma ele atua na sociedade, de que forma ele passa a atuar. É extremamente importante, pois leva o indivíduo a ser mais crítico, pensar sobre seu espaço, refletir sobre este espaço (NOGUEIRA, 2018, p.2).

Ainda de acordo com a autora, as disciplinas podem formar indivíduos mais críticos e aumentar o poder de reflexão dos alunos (NOGUEIRA, 2018, p.1). Durante a realização do passeio, o aluno passa por mais de 30 (trinta) pontos turísticos e lugares de memória, tais como ruas, praças e avenidas, cujas placas de identificação remetem às personalidades que marcaram as suas histórias no Brasil em diferentes épocas, como podemos ver nas figuras a seguir:

16. Historicidade é o esforço destinado para compreender as relações sociais e a sua história na época em que aconteceram os fatos históricos. Nesse sentido, o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí por que a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 2002, p. 153).



Figura 4 - CPME / EIPA na aula-passeio.
Fonte: Os autores.



Figura 5 - CPME / EIPA na aula-passeio.
Fonte: Os autores.



Figura 6 - CPME / EIPA na aula-passeio.
Fonte: Os autores.



Figura 7 - CPME / EIPA na aula-passeio.
Fonte: Os autores.

Portanto, as quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita) são praticadas em ambientes históricos e turísticos que proporcionam a oportunidade aos discentes praticar a interdisciplinaridade dentro e fora da sala de aula. Na experiência obtida em 2018, observamos que os resultados atingidos vão além das competências técnicas do ensino do idioma, da cultura e da história militar.

CONCLUSÃO

A relevância desse trabalho se deu na oportunidade da sua aplicabilidade imediata nos espaços existentes em que a linguagem em movimento integra outras culturas, áreas de conhecimentos e subjetividades. Através da análise do trabalho desenvolvido ao longo de 2018

foram identificadas novas oportunidades da aplicabilidade linguística do novo idioma de forma imediata e comunicativa (sem exigência das regras gramaticais definidas pela norma culta) integrando outras culturas, áreas de conhecimentos e subjetividades.

As propostas colocadas no paradigma do ensino por competências requerem que docentes e discentes se unam em um propósito de resolver problemas complexos dentro e fora da sala de aula. Aprender um segundo idioma para os militares estrangeiros revelou ser um desafio, onde o ensino de história acompanhado da linguística mediou o processo de aprendizagem dentro de um panorama sócio-histórico, através de contextualizações em aulas externas além das aulas teóricas em classe. Nesse sentido, no que tange às relações interpessoais, de forma geral, os alunos mantinham um relacionamento cordial entre si e com os professores, um aspecto importante, pois as mesmas são constituintes basilares da teoria vygotskyana.

Considerando que a identidade regional é manifestada através da sua cultura e esta, por sua vez, é transmitida através da linguagem local, a fluência comunicativa é essencial ao contato imediato entre os indivíduos. Através da cultura local, essa comunicação é expressada sendo facilitada quando ocorre a compreensão contextualizada do novo aprendizado. Assim, a história e a geografia cumprem o seu viés interdisciplinar, a fim de contribuir para facilitar o processo de internalização dos conhecimentos. É oportuno utilizar espaços reflexivos em prol de uma quebra de paradigma como primeiro passo rumo à formação intelectualizada e não somente na herança acumulada pelo senso comum.

Dentro da perspectiva de inovação e de pôr em ação os aprendizados dos docentes relacionados à teoria-prática, além das aulas externas, as iniciativas de orientação para o tempo de estudo individual dos alunos, fazem parte das ações pedagógicas de empenho e dedicação em um projeto pioneiro de uma jovem unidade militar (CIdEx) que, somados aos valores institucionais e a experiência de “ter estado lá”, completam a CHAVE buscada sob o atual paradigma da educação militar.

Portanto, o conjunto de atividades propostas pelas aulas-passeio é impregnado por caracterizar não só o indivíduo, mas um grupo social de acordo com a contextualização e sua historicidade. Assim, não é possível desassociar o ensino do idioma português como segunda língua ao ensino da história, da cultura e da história militar do Brasil, pois os conhecimentos linguísticos, também empíricos, apresentam de forma contextualizada a sua razão de uso imediato dentro ou fora da sala de aula, em que a prática das habilidades linguísticas em ambientes multiculturais e de forma interdisciplinar fornece instrumentos para que os militares operem em um ambiente cada vez mais ágil e complexo.

Como citar este artigo: PEREIRA, Fabio da Silva; MEDEIROS, Janiara de Lima. O ensino por competências aplicado na aprendizagem do idioma Português para militares estrangeiros. Rev. Silva, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 33-55, jan.-jun. 2019.

REFERENCIAS

ARRUDA, J. R. **O uso político das Forças Armadas e outras questões militares.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOSQUETTI, M. A. *et al.* O alinhamento da estratégia de gestão de pessoas com a estratégia organizacional. In: ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão de; LEITE, Nildes Pitombo (Org.). **Gestão de pessoas: perspectivas estratégicas.** São Paulo: Atlas, 2009.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX). **Diagnóstico do processo de Modernização do Ensino em 18/02/2009 - Rumos e perspectivas (Doc 16).** Disponível em <http://www.decex.ensino.eb.br/default.php?url=memModerEns> . Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Missão do DECEX.** Rio de Janeiro: DECEX, 2018. Disponível em: <http://www.decex.eb.mil.br/missao>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Centro de Idiomas do Exército. **Planos de Aula do CIdEx.** Rio de Janeiro: CIdEx, 2018c.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Informativo sobre o IV Encontro de Itaipava.** Rio de Janeiro: DECEX, 2011.

CAMARGO JR, B. D. S. **Capacitação e Desenvolvimento**. Valinhos: UNOPAR, 2017.

CARBONE, P. P. *et al.* **Gestão por competências e gestão do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

CARVALHO, O. Diferenças gritantes. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 15 maio 2004. Disponível em: <http://old.olavodecarvalho.org/semana/040515globo.htm>

Acesso em: 28 dez. 2018.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Método de Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1992.

DURAN, D. **Alfabetismo digital e desenvolvimento**: das afirmações às interrogações. 2008. 228 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DUTRA, J. S. *et al.* **Gestão por competências**: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 5. ed. São Paulo: editora Gente, 2001.

GUSMÃO, C. R. **O Linguajar verde-oliva**. Curitiba: Prismas, 2016.

LACOMBE, B. M. B.; TONELLI, M. J. O Discurso e a Prática: o que nos Dizem os Especialistas e o que nos Mostram as Práticas das Empresas sobre os Modelos de Gestão de Recursos Humanos. **Revista de Administração Contemporânea**, v.5, n.2, Maio/Ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v5n2/v5n2a08.pdf> . Acesso em: 22 nov. 2018.

LEITE, N. R. P; ALBUQUERQUE, L. G. A estratégia de gestão de pessoas como ferramenta do desenvolvimento organizacional. **Revista Ibero-Americana de Estratégia - RIAE**, São Paulo , v. 9, n. 1, p. 32-55, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3312/331227115003.pdf> Acesso em: 28 dez. 2018.

LIMA, M. E. C. de C.; MAUÉS, E. Uma releitura do papel da professora das séries iniciais no desenvolvimento e aprendizagem de ciências das crianças. **Revista Ensaio. v.8, n.2.** Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 161-175. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/115/166>. Acesso em: 3 dez. 2018.

MAGALHÃES, S. M. C. **Ensino por Objetivos e Ensino por Competências.** Rio de Janeiro: DECEX, 2011.

MEDEIROS, J. L. O ensino do idioma português para militares estrangeiros como segunda língua através de elementos linguísticos culturais. In: Costa, A. D (Org.). **Cultura, Cidadania e Políticas Públicas** 3. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. p. 104 -118.

MEDEIROS, J. L. O ensino do idioma português para militares estrangeiros. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: SABERES DA DIDÁTICA E AS VOZES DA ESCOLA, 5, 2018, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande, PB: UEPB; Rio de Janeiro: UFF, UERJ, UFRJ, 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/anais.php>. Acesso em: 3 dez. 2018.

NOGUEIRA, F. Por que História e Geografia ajudam a criar um ser humano melhor? **Revista Nova Escola.** São Paulo: Fundação Lemann, 22 nov 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13492/por-que-historia-e-geografia-ajudam-acriar-um-ser-humano-melhor>. Acesso em: 23 jan. 2019.

PEREIRA, F. S. **O módulo de desenvolvimento dos atributos da área afetiva como ferramenta de avaliação atitudinal dos alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.** Dissertação (Mestrado em Educação Militar) - Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2016.

PEREIRA, F. S.; OWERNEY, R. F. O sistema de ensino do Exército Brasileiro e suas transformações para o século XXI. In: Cunha, K.M.R.; Ramos L.F.S. (Orgs.). **Humanis.** Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, 2017. v. 1, p. 237-264

PERRENOUD, P. Formar professores em contextos sociais em mudança: Prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.12, p. 5-21, set-dez. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000115&pid=S0104-4060201100050001500021&lng=pt . Acesso em: 2 dez. 2018.

PORCHER, L. **Cultures... culture. Le Français dans le monde** – Recherches et applications - numéro spécial. Paris: Hachette EDICEF, Janvier 1996.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, F. P; LIMA, E. A. O; SILVA, M. C. S. **O sócio-interacionismo vygotkiano**. Brasília: editora, junho de 2007. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-socio-interacionismo-vygotkiano/110730>. Acesso em 24 jan. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF, 2009.